

**NOVA PERSPECTIVA DOS SABERES: A CULTURA PRODUZIDA A PARTIR
DAS EXPERIÊNCIAS DOS DISCENTES**

Ezequias Cardozo da Cunha Junior
Graduando em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Uberlândia
E-mail: juniocardozo@bio.ufu.br

Johny Assunção Tomé
Graduando em História da Universidade Federal de Uberlândia
E-mail: johny_assuncao@hotmail.com

Coautores: Aline Diniz, Stefany Tavares, Bárbara
Oliveira Santos, Cristiane T. Menezes,
Vanessa Oliveira Rocha

Revisora: Darlene Pereira Costa Cardozo
Graduada em História da Universidade Federal de Uberlândia
E-mail: darlenedivina@yahoo.com.br

Professora Orientadora: Jorgetânia da Silva Ferreira

Apresentação

A proposta desse trabalho é refletir sobre a introdução de um jornal na Escola Estadual do Parque São Jorge, desenvolvido por alunos, professores e bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), com objetivos de dar voz aos sujeitos que constroem a escola, além de proporcionar a melhoria na leitura, escrita e interpretação, através do simples ato de escrever para o público da escola e ao mesmo tempo interpretá-la.

Contudo para elaboração desse jornal, anteriormente partiu-se das observações da escola, do seu cotidiano, e do bairro, além das indagações com os sujeitos que compõem a escola (professores, servidores, alunos), dialogando com os bolsistas do PIBID.

A proposta dos bolsistas foi pautada em tentar melhorar a escola para os sujeitos que a usam, sem intenção de construir uma nova realidade, mas sim, apropriar das ações interpretadas interessantes, com intenção de ajudar a melhorar, com a participação de todos.

PIBID Educação Popular do Parque São Jorge

O PIBID foi inaugurado na Escola Estadual do Parque São Jorge, no final do ano de 2012, após tentativas frustradas de implantar o projeto na Escola Municipal Eurico Silva, pois não houve professores interessados em participar do projeto, ou melhor, nenhum professor da escola se inscreveu nos editais que foi aberto. Portanto, após o sentimento de frustração dos bolsistas, consentiu-se que aquele seria o momento para a troca de instituição escolar, então os bolsistas foram em busca de uma escola periférica, com pressuposto de trabalhar a educação popular com os alunos. Após saírem da escola, com intenção de construir um ambiente agradável para os diversos sujeitos que compõem a escola e ao mesmo tempo propor ações que criariam condições dos sujeitos se manifestarem, tanto suas opiniões, como suas ações e culturas, como a realização do concurso cultural, ação na qual os alunos apresentariam seus talentos, como dançar, cantar, ou que representassem uma peça teatral, para toda a comunidade escolar. Todavia além dessas ações, observou-se que alguns alunos possuíam dificuldades relativas à interpretação, a partir das reclamações de professores e das discussões com os próprios alunos. Contudo torna-se necessário salientar que a instituição possui uma ótima biblioteca, com inúmeros títulos.

O projeto Educação Popular com Ênfase em EJA, começou incrementando um plano de ações que seriam desenvolvidas na escola, das quais, cada uma cingia um tema diferente ou se relacionava ao tema de outra atividade. Nessa perspectiva, as primeiras atividades do PIBID desenvolvidas seriam para avaliar o grau de desenvoltura dos alunos em ler, interpretar e escrever textos, poemas e dissertações sobre diversos assuntos que abrange a realidade deles. Essas habilidades consideradas saberes essenciais se mostraram insuficientes para o desenvolvimento das próximas atividades.

De acordo com os dados da pesquisa realizada entre junho e julho de 2011, o brasileiro lê em média quatro livros por ano, entre literatura, contos, romances, livros religiosos e didáticos. Deste total, o brasileiro lê 2,1 livros inteiros por ano e dois em partes¹

Qualquer dado estatístico necessita ser analisado cuidadosamente, contudo revela a realidade que se observa na escola, referente à dificuldade de leitura e interpretação, a leitura fragmentada.

Currículo Escolar

Partiu-se da pergunta elaborada com os discentes da instituição, se os mesmo se interessavam pelas aulas, e caso não, os motivos que resultavam na dificuldade em relação à aula.

Alguns alunos identificaram que os conteúdos estudados não possuíam relevância para sua própria vida e que frequentavam a instituição porque seus pais os coagiam.

Os conteúdos programáticos estudados são construções históricas e sociais, construídas para legitimar uma memória, geralmente de uma elite, mas que não possuem significados com a realidade dos alunos, o próprio Conteúdo Básico Comum (CBC) do Estado de Minas Gerais aponta o conteúdo a ser ministrado nas escolas, construído pelos professores, porém, estes são os mesmos que reclamam que os conteúdos são engessados.

Além da questão dos conteúdos, observa-se e que os professores possuem uma alta carga de aulas, dificultando a elaboração de aulas dinâmicas, que possuam relevância com a realidade de professores e alunos.

Os professores não aprenderam a lecionar aulas dinâmicas, pois na sua própria formação universitária, esses requisitos foram esquecidos pelos mesmos currículos engessados e fragmentados, que não se relacionam com a realidade vivida.

A realidade observada é fundamental para as pesquisas históricas, que através das observações do presente surge perguntas, indagações e hipóteses, porém, na sala de aula se esquece do presente, do vínculo com a realidade, a qual cabe ao aluno apenas consumir o livro e construir ojeriza à escola.

Geralmente o que é apresentado aos alunos são conteúdos já cristalizados no ensino da História e que parecem muito distantes da realidade imediata por eles vividas. Talvez já há décadas ouvem-se reclamações, em todos os graus de ensino, de “não se passar da Segunda Guerra Mundial” ou “da Revolução de 30”...] Em outras palavras, os alunos reclamam uma história que, para eles, tenha a ver com seu presente, com a realidade que conhecem um pouco mais de perto. No entanto é uma história acabada, “verdadeira”, cujo conteúdo parece distante no tempo, que é apresentada aos alunos [...] Essa história, que exclui a realidade do aluno, que despreza qualquer experiência vivida, impossibilita-o de chegar a uma interrogação sobre sua própria historicidade, sobre dimensões históricas de sua realidade individual, de sua família, de sua classe, de seu país, de seu tempo [...] ²

O conteúdo não atrai os alunos, a biblioteca da escola geralmente encontra-se no período da manhã cheia, mas nela costuma-se encontrar os mesmos leitores utilizando o espaço. Nessa perspectiva, surgiram séries de perguntas. Como contribuir no processo de ensino aprendizagem na escola? Quais dispositivos seriam úteis para desenvolver a interpretação não apenas do conteúdo, mas para observar e interpretar sua realidade, o tempo que estão vivendo, presenciando e que em alguns momentos alguns professores apontavam que seria impossível, que aqueles alunos são apenas uma massa amorfa?

Deparou-se com alunos e professores desmotivados, contudo observou-se que na escola começava a formação de um pequeno grupo de alunos, que possuíam o sonho, que posteriormente tornou-se realidade, e começaram a construir o grêmio estudantil.

Grêmio Escolar e o Jornal

A participação dos estudantes no Grêmio Estudantil propiciaria aos jovens, segundo seus proponentes, ao longo de sua trajetória, uma série de atributos, como por exemplo: a vinculação com ideais coletivos em detrimento aos valores individuais, liderança, boa articulação de ideias e pensamento crítico. Essa participação dos estudantes na vida escolar é vista como uma forma de democratizar a gestão, cumprindo sua função [...]³

O grêmio dos estudantes formou-se no início do ano letivo de 2013, liderado por alguns alunos, que pretendiam ajudar a escola, cedendo parte de seu tempo para discutir a escola com os alunos, professores e a direção da instituição, a qual em vários momentos mostrou-se inflexível a reivindicações simples dos alunos.

Todo conhecimento é uma produção social, produzido em experiências sociais e que toda experiência social produz conhecimento pode nos levar a estratégias de reconhecimento. Superar visões distanciadas, segregadoras de experiência, de conhecimento e de coletivo humano e profissional. Reconhecer que há uma pluralidade e diversidade e não uma hierarquia de experiências humanas e coletivos, que essa diversidade de experiência é uma riqueza porque produzem uma rica diversidade de conhecimentos e de formas de pensar o real e de pensar-nos como humanos⁴

A participação nos processos que circundam o cotidiano do aluno auxilia no processo reflexivo, o qual os alunos são sujeitos, que discutem a realidade do país, do

bairro e principalmente da escola, mesmo com objetivos micros, ou seja, principais objetivos pautam na discussão da escola e do bairro, os mesmo levam a uma escola macro, pois as questões regionais não são menos importantes, além disso, através das reflexões micro, os mesmo vão ao macro e começam a discutir o país, a economia, as reivindicações e manifestações nacionais.

A partir das discussões com o grêmio escolar e as dúvidas que estavam presente no imaginário dos integrantes do PIBID, começou o processo de criação de um jornal escolar, escrito por alunos, professores e bolsistas em parceria, contudo a grande parte das reportagens fora desenvolvidos por membros do grêmio.

Os adolescentes desenharam a escola, ou melhor, tornaram se sujeitos ativos, com o auxílio do jornal iniciaram um dialogo com os alunos e a escola, criticando ou expondo o ponto de vista dos alunos e exaltando a realidade vivida, além de exporem sugestões para o uso do espaço escolar, seja para elaboração de eventos ou para sugestão de utilização de espaços vazios na escola.

Através do jornal, a opinião dos alunos foi exposta, eles passaram a ser ouvidos, ou melhor, lido pela comunidade escolar, que possuía a oportunidade de discordar, de elaborar a síntese, para posteriormente discutirem a antítese, além do dialogo com o presente, a possibilidade de interpretar a própria realidade escolar, que fora negado desde a entrada na escola nos primeiros anos de vida estudantil, que possibilitou também o melhor relacionamento entre os alunos e através da leitura conseguiu conhecer profundamente as opiniões dos colegas.

Dificuldade

Todavia após as primeiras edições observaram-se as críticas da direção escolar, que insatisfeita com a oportunidade que os alunos agora conquistaram, de discutir as suas realidades, a escola e o tempo que vivem.

Não havia o interesse na reflexão dos alunos, ou talvez, a direção da escola não estava pronta para a intervenção no poder, pautando- se na concepção que os alunos são apenas receptores, a qual não possuem condições de refletirem a sua própria realidade, a oportunidade a crítica fora negado aos alunos, assim como a possibilidade de pensarem a escola ou a perspectiva de pensarem a escola juntamente com os outros alunos, com os diversos sujeitos presentes lá.

Além do desentendimento com a direção, a supervisora do projeto do PIBID presente na escola censurou grande parte do material produzido pelos alunos, solicitando anteriormente todas as matérias produzidas, cabendo uma função de conceder ou não a “licença” para divulgação da interpretação dos sujeitos da escola, a qual não foi admitida o menor resquício de crítica, impossibilitando a liberdade de expressão por parte dos discentes que não são visualizados como sujeitos.

“A liberdade de expressão é essencial para a realização das competências previstas na Constituição para a formação do ser humano. Segundo Mendes a liberdade de expressão é um dos mais relevantes e preciosos direitos fundamentais, correspondendo a uma das mais antigas reivindicações dos homens de todos os tempos. A liberdade parte da perspectiva da pessoa humana como ser em busca de auto-realização. A liberdade de expressão é essencial para se ter um Estado democrático. A liberdade de expressão, em quando direito fundamental, tem, sobretudo, um caráter de pretensão a que o Estado não exerça censura”⁵

A liberdade de expressão não é respeitada na escola, o currículo tradicional não atrai a atenção dos sujeitos que frequentam a instituição, a escola concentrada na tendência tecnicista, pensado pelas instituições financiadoras internacionais para a formação de técnicos, que possuem conhecimentos básicos, mas que não conseguem interpretar a própria realidade.

[...] A concepção da CEPAL, diz respeito à ênfase que esta atribui à questão do progresso técnico. E tão acentuada essa ênfase que está atribuí à questão do progresso técnico. E é tão acentuada essa ênfase que se pode dizer que ela é quase exclusivamente que orienta a formulação das principais diretrizes para a reforma dos sistemas de ensino proposta pela CEPAL, em parceria com a OREALC[...] este trabalho parte da premissa de que não há nenhuma evidência histórica que garanta que o progresso técnico seja capaz de, por si mesmo, constituir, de forma autônoma ou independente, o progresso como um todo de uma sociedade⁶.

Pensada a Educação ser apresentada como central essa centralidade não diz respeito às finalidades estabelecidas a partir dos seus próprios pressupostos. A centralidade a que se refere a proposta da CEPAL-OREALC apenas diz respeito a sua, capacidade de potencializar a estrutura de produção destes países. Neste sentido é a competitividade internacional crescentemente baseada no progresso técnico, então a educação que delimita os fundamentos éticos da sociedade.⁷

A educação está voltada a produzir bons técnicos para o mercado, mas não se interessa em construir uma consciência crítica ou uma relação harmônica, a qual os sujeitos, discentes possam opinar e construir a escola a partir das suas memórias coletivas e involuntárias, visões a respeito da escola ou até mesmo da realidade que estão vivendo.

Durante a elaboração do jornal, a qual foi realizada após várias rodas de conversa, pesquisas com os alunos e pesquisas de bibliografias, os alunos demonstraram maior estímulo, ao participarem de discussões de suas próprias experiências cotidianas, bem como o despertar de uma identidade escolar que impulsionou maior interesse e participação nas aulas, uma vez que puderam manifestar suas crenças, seus valores, seus protestos, suas reivindicações e principalmente, por serem ouvidos. Além disso, todo o processo contribuiu para desenvolver o relacionamento entre os alunos participantes e até mesmo com os leitores.

Uma nova cultura brotou na escola, desde o início da elaboração do jornal, foi programada a distribuição mensal ou quinzenal da espécie impressa de acordo com a demanda e os eixos das reportagens, os quais seriam: Concursos, Conteúdo básico, Cultura, Curiosidades, Esporte, Entretenimento, Eventos, Lazer e Notícias. Todos deixaram claro que qualquer aluno teria acesso a publicar alguma notícia, afinal esse sempre será o objetivo das ações desse projeto do PIBID, integrar e não dividir.

Desde então o processo de ensino aprendizagem passou por transições, agora o aluno não espera mais o professor abordar determinado conteúdo, a busca por conhecimento começou de forma sutil, apenas para preencher as primeiras reportagens, depois da primeira edição, os alunos procuravam a comissão organizadora com uma série de reportagens que leram em outros canais de comunicação e queriam produzir uma nova manchete no jornal da escola se inteirando mais no assunto. Além disso, alunos que praticavam esportes começaram a organizar eventos e promovê-los através do jornal, tirando dúvidas sobre verdades e mitos de várias atividades esportivas, curiosidades sobre o cotidiano, informações sobre as experiências que alguns tiveram em concursos de redação ou provas, exibindo claramente sua bagagem que estava “adormecida”.

Essa nova metodologia despertou nos professores uma perspectiva positivista, na qual é possível elaborar atividades multidisciplinares, trabalhar com os alunos a partir de suas próprias experiências e principalmente uma iniciativa para atualização do próprio conhecimento do docente. Os professores começaram a buscar novas ferramentas para suprir em suas aulas as necessidades dos alunos, novas metodologias de ensino e dinâmicas de desenvolvimento crítico.

Todo o processo se mostrou como um ciclo, no qual começou com a atuação dos bolsistas em elaborar o jornal, passando para os alunos em desenvolver as

reportagens, despertando nos professores essa “sede” por inovação, retornando aos alunos como melhor desenvoltura na sala de aula e na leitura, ou seja, o conjunto de ações contribuiu de forma significativa para um melhor processo de ensino aprendizagem.

Discussão:

O projeto atingiu sua finalidade, que era buscar novas formas de saberes que possam melhorar a relação entre os próprios alunos, o corpo docente e a comunidade escolar, como também evidenciar a importância da empiria discente. Há muito que ser feito e o projeto ainda está em fase de desenvolvimento, o que caracteriza maiores resultados posteriormente.

Notas

¹ Câmara Brasileira de Livros (<http://cbl.org.br/telas/noticias/noticias-detalhes.aspx?id=1930>)

² CABRINI, Conceição et al. O Ensino de História: revisão urgente. 3º ed ver e ampli, - São Paulo: EDUC, 2005, p.33-34

³ MOURA, M.R.L.O Grêmios Estudantil na Gestão da Escola Democrática: Protagonismo e Resiliência ou Despolitização das Práticas Formativas? Revista de ciências Sociais, São Paulo. Editora PUC - p. 281, 2010.

⁴ GONZÁLES ARROYO, Miguel. O sujeitos sociais e suas experiências se afirmam no território do conhecimento. IN Currículo, território em disputa 2.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, p. 117, 2011

⁵ REC

K, Janriê Rodrigues; THIER, Júlia Helfer; MORAES, Luiza Cristina. Revista Brasileira de Direito, IMED, Vol. 7, nº 1, jan-jun 2011, p.67

⁶ SALLES, Fernando Casadei A proposta CEPAL-OREALC: progresso técnico, cultura, política e educação.Revista PERSPECTIVA Nº18,p.107-132, 1992

⁷ SALLES, Fernando Casadei A proposta CEPAL-OREALC: progresso técnico, cultura, política e educação. Revista PERSPECTIVA Nº18,p.111, 1992

Acessado em 01 Julho de 2013.

<http://www.journal.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewArticle/10845>

Bibliografia

CABRINI, Conceição et al. O Ensino de História: revisão urgente. 3º ed ver e ampli, - São Paulo: EDUC, 2005,

GONZÁLES ARROYO, Miguel. Os sujeitos sociais e suas experiências se afirmam no território do conhecimento. IN Currículo, território em disputa 2.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2011

MOURA, M.R.L.O Grêmio Estudantil na Gestão da Escola Democrática: Protagonismo e Resiliência ou Despolitização das Práticas Formativas? Revista de ciências Sociais, São Paulo. Editora PUC - p. 273-292, 2010.

RECK, Janriê Rodrigues; THIER, Júlia Helfer; MORAES, Luiza Cristina. Revista Brasileira de Direito, IMED, Vol. 7, nº 1, jan-jun 2011, p. 61-74.

SALLES, Fernando Casadei A proposta CEPAL-OREALC: progresso técnico, cultura, política e educação. Revista PERSPECTIVA N°18,p.111., 1992

Acessado em 01 Julho de 2013. Disponível em:

<http://www.journal.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewArticle/10845>

SEIXAS, Jacy Alves. Percurso de memória em terras de história: Problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. Memória e (res)sentimento Indagações sobre uma questão sensível, Campinas. Editora Unicamp, p.37-59. 2004.